

A relação entre jornalista e fonte representada no filme *The Post: A Guerra Secreta*¹

Augustho SOARES²

Cristiane PEREIRA³

Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp), Bagé, RS

Resumo

Este trabalho científico tem como objetivo analisar a forma com que o filme norte-americano *The Post: A Guerra Secreta*, dirigido por Steven Spielberg, aborda a relação entre jornalistas e fontes de notícias. Para isso, foram selecionadas cinco cenas da produção cinematográfica. A pesquisa, qualitativa e descritiva, realizou uma análise de conteúdo das cenas escolhidas a partir do método de Laurence Bardin. Como embasamento teórico, utilizou-se o pensamento de diversos autores com estudos que abordam a relação das fontes com a imprensa. Assim, se constatou que o filme não só mostra a necessidade de um distanciamento entre jornalistas e fontes, como também destaca a importância do jornalista ser cético ao lidar com autoridades e também apresentou o conceito de sigilo de fontes.

Palavras-chave: Jornalismo; Fontes; Cinema; *The Post*.

Introdução

No jornalismo, não é exagero dizer que a construção de uma pauta é influenciada pela escolha das fontes que são utilizadas. Afinal, o rumo de uma matéria depende de quem é consultado e quais informações são obtidas através desta pessoa. Às vezes, poucas palavras de um determinado entrevistado podem fazer com que o que estava programado para ser uma pequena notícia se transforme em uma pesquisa que resultará em uma reportagem de grande destaque.

O pesquisador Manuel Pinto (2000, p. 277) destaca que as fontes constituem “uma dimensão central para a compreensão do jornalismo”. Sendo assim, é importante analisar como é, e como deveria ser, a relação mantida entre os jornalistas e as pessoas que lhes passam informações. Assim, um dos meios que é utilizado para mostrar ao público sobre este assunto é o caso das obras cinematográficas, que desde o início são usadas para levar mensagens aos seus espectadores.

1 Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Bacharel do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp). E-mail: augustho.cs@gmail.com

3 Orientadora do trabalho. Bacharel em Comunicação Social pela PUCRS. Mestre em Comunicação pela PUCRS, email: cristianepereira@urcamp.edu.br

Enquanto isso, a convergência do jornalismo com o cinema existe praticamente desde o surgimento da sétima arte, nos últimos anos do século XIX, e conta com diversas teorias que buscam justificar essa atração.

Segundo a pesquisadora Stella Senra (1996), este entrelaçamento vai muito além do fato de ambos servirem como modos de registro e de divulgação das atualidades. A autora destaca que o sucesso da representação dos jornalistas no cinema pode ser explicado através de mais de um ponto de vista, porém a preferência pelos temas ligados à imprensa tem dois lados. “De um lado, o contexto fortemente afetivo que une o leitor ao jornal, e, de outro, as afinidades internas que aproximam os registros jornalístico e cinematográfico” (SENRA, 1996, p. 88).

Nos últimos anos, um filme que debateu o relacionamento entre fontes e jornalistas foi *The Post: A Guerra Secreta* (2018), dirigido pelo cineasta norte-americano Steven Spielberg e estrelado por Meryl Streep e Tom Hanks.

A obra conta a história do embate entre o Governo dos Estados Unidos e a imprensa norte-americana, em 1971. Na época, o então presidente Richard Nixon decidiu processar o jornal *The New York Times* com base em uma legislação específica para proibir publicações que, segundo ele, poderiam colocar em risco a segurança nacional. A medida foi adotada após o jornal publicar trechos do *Pentagon Papers*, um relatório que apresentava evidências sigilosas sobre a Guerra do Vietnã, as quais comprovariam que o Governo tinha conhecimento de que eram poucas as chances de vencer o conflito, mas continuava a enviar seus soldados para a batalha.

O foco do longa-metragem é abordar a decisão da editora e proprietária do jornal *The Washington Post*, Katherine Graham (Meryl Streep) e do editor-executivo, Ben Bradlee (Tom Hanks), em divulgar mais informações do relatório. A escolha poderia trazer consequências para a empresa jornalística, que estava tentando se reafirmar no mercado, e também para os protagonistas que tinham pessoas próximas envolvidas no esquema de ocultação de informações.

É fato que mais de sete mil quilômetros e quase 50 anos separam os acontecimentos do filme e o cenário atual da mídia brasileira, porém também é verídico dizer que a relação entre fontes ligadas ao poder político e a imprensa segue com pontos em comum.

Considerando isso, é possível dizer que até mesmo no Brasil atual, a relação entre a política e a imprensa vale a pena ser analisada e divulgada através de diversos

meios, incluindo o cinema. Isto porque assim, a sociedade poderá ter conhecimento do que está em jogo quando autoridades políticas confrontam a liberdade de imprensa, que por sua vez enfrenta o Executivo e os demais poderes, seja por questões éticas ou visando interesses próprios.

Com isso, este trabalho tem o intuito de analisar a forma que a produção cinematográfica representa a relação entre figuras ligadas ao jornalismo e aqueles que deveriam ser seus informantes sobre determinados assuntos.

Metodologia

Este trabalho consiste em uma pesquisa descritiva e de abordagem qualitativa, onde foram analisadas cinco cenas do filme *The Post: A Guerra Secreta*. Como método de abordagem, foi escolhida a análise de conteúdo, conceituada por Laurence Bardin (2004, p. 33) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens”.

Para desenvolver este método, Bardin (2004) divide o processo em três fases que seguem um roteiro específico, organizando-se cronologicamente: a pré-análise, em que o material e suas ideias iniciais são organizados para o trabalho; a exploração do material, que é um momento para administrar sistematicamente as decisões tomadas; e o tratamento dos resultados e a interpretação, que é a conclusão da pesquisa com os dados obtidos.

Em um primeiro momento, o filme foi assistido sem pausas, para se ter uma noção geral da obra. Além disso, também foram escolhidos a metodologia e os objetivos do trabalho. Em seguida, na intenção de proporcionar embasamento à análise, iniciou-se a elaboração do referencial teórico, para o qual foi feita uma pesquisa sobre as fontes e sua relação com os jornalistas.

Após este processo, a obra cinematográfica foi revista, e foram selecionadas as cenas, levando em consideração a sua importância para o objetivo do trabalho e a proeminência dos diálogos para a obra como um todo.

Ou seja, foram coletadas cenas que destacam a importância de um distanciamento entre pessoas ligadas aos veículos de comunicação e suas fontes de

informação, além de abordar como as fontes manipulam a mídia. Fora isso, também se buscou explicar a forma como o filme aborda o conceito de sigilo das fontes.

Após isto, o filme foi revisto pausadamente, para se captar os diálogos e fazer correções na tradução. Por fim, os resultados obtidos através da análise foram avaliados e, assim, se obteve uma conclusão para os questionamentos levantados nos objetivos da pesquisa.

Relação entre fontes e jornalistas

Pode se dizer que as fontes e os jornalistas são agentes que têm papéis definidores na produção das notícias. Em seu livro *A negociação entre jornalistas e fontes*, o historiador e teórico português Rogério Santos (1997) analisa as relações entre os envolvidos no processo de produção das notícias. O autor inicia apresentando o conceito desenvolvido pelos americanos Harvey Molotch e Marilyn Lester, os quais denominam as fontes como ‘promotores’, que planejam e realizam a maioria dos acontecimentos retratados nos jornais. Nesta mesma concepção, os jornalistas recebem o papel de reunidores, sendo os responsáveis por preparar a notícia (apud SANTOS, 1997, p. 22).

Segundo Molotch e Lester (apud SANTOS, 1997) a ascensão de uma mera ocorrência a um acontecimento público é definida pelas necessidades das fontes, e conta com três níveis.

Primeiro, aparecem os promotores (“*news promoters*”), interessados em divulgar certos acontecimentos para uso público e, em simultâneo, impedir certas ocorrências de atingir o grau de acontecimento. [...] Depois surgem os jornalistas (“*news assemblers*”) que, recebendo os materiais dos promotores, transformam as ocorrências em acontecimentos públicos através da publicação ou emissão. [...] E, finalmente os leitores (“*news consumers*”), que observam os acontecimentos tornados visíveis pelos meios de comunicação e criam na sua mente um sentido de tempo público (MOLOTCH e LESTER apud SANTOS, 1997, p. 23 – 24).

Leon Sigal (apud SANTOS, 1997, p. 25 – 26) observa que as notícias não são aquilo que os jornalistas pensam, mas o que as fontes dizem, dentro das organizações noticiosas, rotinas jornalísticas e convenções. “O que é a notícia depende das fontes de notícias, que, por sua vez, dependem da forma como o jornalista procura as fontes das notícias” (SIGAL apud SANTOS, 1997, p. 26).

De acordo com o teórico Nilson Lage (2001) as fontes oficiais, descritas por ele como aquelas pessoas que atuam como representantes do Estado, por instituições que preservam algum tipo de poder, são tidas por jornalistas como as mais confiáveis, mas também devem ser questionadas.

Fontes oficiais, como comprovam autores de todas as épocas, falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder (LAGE, 2001, p. 28).

Conforme Nelson Traquina (2005), para avaliar a fiabilidade da informação, os jornalistas utilizam três critérios para escolha das fontes. O primeiro é a autoridade, ou seja, a posição que essa pessoa ocupa. “Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na sua autoridade” (p.191). O segundo é a produtividade, que se associa à quantidade e à qualidade das matérias que determinada fonte pode fornecer, e também à necessidade do jornalista em limitar o número de pessoas consultadas para a produção da matéria. Já o terceiro critério é a credibilidade, pois aqueles que já ofereceram materiais credíveis têm boa probabilidade de voltarem a ser utilizados pelos jornalistas como fontes.

Ao se considerar a importância das fontes para os rumos de uma notícia, fica de fácil entendimento o motivo de jornalistas investirem em cultivar uma relação amigável e profissional com pessoas que possam lhes servir de informantes para determinados assuntos.

O americano Herbert Gans (apud SANTOS, 1997) conclui que as relações entre fontes e jornalistas correspondem a uma luta de interesses. “Enquanto as fontes se esforçam em divulgar a informação apresentando-se nos melhores dias, os jornalistas acedem as fontes a fim de lhes extorquir as informações que lhes interessam” (GANS apud SANTOS, 1997, p. 34).

Liberalquino (1993, p. 31) destaca que para a fonte, o jornalista é um meio de divulgar suas informações e opiniões quando for necessário; por outro lado, para os profissionais da imprensa, as fontes são meios de chegar aos fatos, e por consequência, às notícias.

Traquina (2005) salienta que é importante para o jornalista a preservação de laços profissionais com possíveis informantes. “Na cultura jornalística, a relação entre fonte e jornalista é sagrada” (TRAQUINA, 2005, p. 190). Para isso, conforme o

docente, precisa-se passar por um processo que envolve paciência, compreensão e até mesmo capacidade de conversação sobre interesses comuns. No entanto, os profissionais da imprensa têm algumas táticas que facilitam o cultivo desse relacionamento. “Às vezes, o jornalista pode cultivar a fonte invertendo o processo normal, isto é, dando informação à fonte” (TRAQUINA, 2005, p. 191).

O professor Felipe Pena (2017) destaca que, se não houver controle, as fontes podem manipular os jornalistas e agendar os meios de comunicação em seu benefício. “Uma fonte oficial pode divulgar determinada notícia para amenizar o impacto de outra, que deseja ocultar” (PENA, 2017, p. 61).

Por esse e outros fatores, o docente destaca o ceticismo como o principal elemento para se tratar com as fontes, principalmente com as oficiais cuja boa-fé não é uma de suas características mais comuns. “Para o jornalista, a desconfiança não é pecado, é norma de sobrevivência” (PENA, 2017, p. 58).

Conforme Bahia, a forma como se utiliza as fontes na elaboração das notícias é um fator que molda grande parte da credibilidade dos jornalistas ou veículos de comunicação. “Quanto mais responsável e transparente for, mais próximo da objetividade estará” (BAHIA, 2009, p. 48).

Segundo o pesquisador Rogério Christofolletti “não se faz jornalismo sem fontes de informação, assim como não se tem notícias sem apuração, checagem de dados e confirmação de versões” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 41). Dito isto, fica claro que os jornalistas dependem de suas fontes, mas ao mesmo tempo, não podem confiar nelas. Sendo assim, antes de publicar uma informação, precisam se manter descrentes das informações que lhe são passadas e averiguar os fatos.

Sem a dúvida, sem a desconfiança, repórteres e editores aceitariam passivamente as informações de suas fontes, podendo se converter em meros transmissores das versões que interessam a essas fontes. O jornalismo fica sem crítica, sem contraponto, sem o contraditório, sem o outro lado. Seus profissionais ficam reféns fáceis dos interesses privados de grupos e pessoas, deixando os interesses coletivos em segundo plano. Quer dizer: o jornalismo deixa de ser jornalismo (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 42).

Mas acima de tudo, para exercer a profissão, de acordo com o pesquisador, os profissionais da imprensa precisam gerenciar as distâncias entre si mesmos e suas fontes. Para isso, vale ressaltar que não existe distância segura, cabendo aos repórteres dar a medida que os distancia das fontes. Afinal, é necessário que o jornalista sempre se

mantenha próximo o bastante para extrair aquilo que lhe interessa e distante o suficiente para não se desviar da função que deve ser desempenhada pelo profissional da imprensa. “As relações com as fontes não são de amizade, mas sim relacionamentos profissionais, moldados por interesses dos dois lados. Jornalistas querem informação; fontes querem dar suas versões, vê-las em público” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.43).

Fora isto, este relacionamento também é marcado por uma espécie de confiança mútua entre os agentes envolvidos. “A fonte acredita que sua versão não será distorcida ou pervertida. O profissional crê que as falas de seu entrevistado estão próximas do que efetivamente ocorreu” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 48).

Entrevista com o político

Uma decisão política pode afetar a todas as pessoas e setores de uma sociedade, desde o desempregado até o proprietário de uma grande empresa, do empregado ao empregador, do aluno ao professor, do jornalista ao presidente. Sendo assim, os acontecimentos são relevantes para todos, e isso torna necessária e conveniente a divulgação dos mesmos pelos meios de comunicação.

Christofoletti (2008) destaca que assim como qualquer cobertura jornalística especializada, a dedicada ao meio político tem condições próprias e que a tornam mais delicada em certas situações. “Cobrir os centros de poder político requer preparo técnico, apurado senso ético, sensibilidade, inteligência e um constante sinal de alerta” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 43).

Estes cuidados devem ser tomados pois as repercussões dos fatos pela mídia podem trabalhar contra ou a favor da causa abordada, já que é através dos meios de comunicação que os acontecimentos chegam aos políticos e à sociedade. Então, conforme o autor, a imprensa não apenas publica os fatos, mas interfere neles através da direção que dá aos relatos.

Além disso, na cobertura política há uma grande pressão da concorrência na busca pela informação exclusiva e pela denúncia, o que pode causar algumas transgressões éticas como, por exemplo, quando jornalistas deixam de ouvir todos os lados da história.

Para furar seu colega de profissão, um jornalista acaba desprezando procedimentos básicos que não só comprometem a qualidade técnica de sua reportagem, como também contrariam a orientação ética de sempre ouvir todos os lados da história, por exemplo (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 44).

Nesta batalha pelo furo de notícia, alguns repórteres e agentes acabam entrando em um jogo de favores, onde as notícias começam a ser tratadas como moedas de troca. Governantes e figuras políticas compram a complacência de certos veículos ou profissionais ao lhes prometerem, em troca, matérias exclusivas e favorecimento em relação aos concorrentes. O jornalista Gilberto Dimenstein (1990) denomina como ‘fontismo’ este relacionamento imoral entre jornalistas e fontes. Ele enfatiza que a curto prazo esta prática tem suas vantagens para os jornalistas servis, que recebem furos de reportagem sem maior importância, porém, a médio prazo, os mesmos têm sua credibilidade desgastada.

Os governantes passam, voltam para casa, mas o jornalista e o leitor ficam. Quem quiser ser jornalista e ambicionar agrados do poder e, ao mesmo tempo, o respeito profissional, é bom ir logo procurando outra atividade (DIMENSTEIN, 1990, p. 23).

Para o Christofolletti (2008), um exemplo de situação que merece ser analisada antes de se tomar uma decisão é quando um presidente da República solicita aos jornalistas sigilo sobre uma informação que diz ser de segurança nacional, algo semelhante com o que acontece no filme analisado neste trabalho. O indicado pelo autor é que a situação seja discutida entre repórteres e editores, pois às vezes essa informação pode ser de interesse público e este sigilo ser um pedido de jogada política.

Mas além disso, outra situação recorrente para repórteres que cobrem os movimentos da política é o recebimento de propostas de relatos em *off the record*⁴, ou seja, quando a fonte dá as informações desde que seu nome não seja veiculado.

Sigilo das fontes

Em alguns casos, quando as circunstâncias pedirem e estiver estabelecida uma relação de confiança entre jornalistas e fontes, poderá ser garantido aos entrevistados a não divulgação de seus nomes. A isto, se dá o nome de sigilo das fontes. No entanto, de acordo com Aldo Schmitz (2011, p. 30 – 31), “cabe à fonte decidir o que pode ou não

4 Fora de registro (tradução nossa).

pode ser divulgado e, ao jornalista, considerar o *off* ou não”.

Segundo Eugênio Bucci (2000, p. 136) “o único segredo específico da profissão de jornalista se refere ao sigilo de fonte”. Dito isto, o teórico explica que a não obrigação dos repórteres em revelar a origem de suas informações, quando julgarem necessário, se dá em virtude do repórter, em sua profissão, ter acesso a informações que uma pessoa comum não teria.

Sendo assim, é importante que haja uma relação de confiança entre a fonte e o repórter. Além disso, também vale ressaltar que, de acordo com Schmitz (2011), a maioria dos veículos opta por divulgar apenas as informações, deixando as opiniões das fontes em *off*. Contudo, o autor afirma que o mais ético é que haja um rompimento do sigilo da fonte quando “se põe em risco vidas humanas ou atividades ilegais, ou ainda, no caso de informação falsa e dolo” (SCHMITZ, 2011, p. 67).

Então, a partir do que foi visto, se sustenta que o sigilo das fontes é realmente uma alternativa para preservar uma relação profissional com informantes, além de se captar e publicar informações que não poderiam ser obtidas ou divulgadas em outras circunstâncias.

Análise das cenas

As fontes têm papel fundamental na produção de uma notícia. É através das informações repassadas por elas que os repórteres se baseiam e definem os rumos de uma matéria jornalística.

Em um primeiro momento, neste trabalho foi analisada a questão da proximidade entre fontes e jornalistas e como ela influencia na construção das pautas e no exercício da profissão. Para isso, foram utilizados dois diálogos entre Ben Bradlee e Katherine (Kate) Graham.

Cena 1: Ben Bradlee vai à casa de Kate Graham, com o intuito de lhe pedir que fale com o ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert McNamara para que o *Post* consiga ter acesso aos documentos vazados. No entanto, a editora não aceita o pedido devido à sua relação de amizade com o ex-secretário. Após ouvir a negativa de Kate, Bradlee a questiona o motivo de McNamara ter conversado com ela e não com outras pessoas, afirmando que isso se deu porque o político queria que a editora do jornal o poupasse de ver este caso e seu nome nas páginas do *Post*.

Então, o jornalista explica que sabe que Kate e McNamara têm uma relação de amizade, mas a pergunta se ela não acha que também tem obrigação com o jornal e em contar a verdade ao público. Por sua vez, a editora responde perguntando como Bradlee se sentia ao confraternizar com Jack Kennedy⁵, em jantares na Casa Branca toda ou em viagens com a família.



Figura 1 – Bradlee e Kate discutem sobre McNamara. Fonte: Reprodução nossa

Cena 2: Bradlee e Kate se reúnem em um restaurante para conversar sobre a situação do jornal. Em determinado momento, a proprietária explica que recebeu uma ligação do gabinete da Casa Branca na qual foi informada que o Presidente Nixon decidiu não dar à repórter Judith a credencial para cobrir o casamento de sua filha Judy Nixon. Isso pois a mesma jornalista já havia comparado a outra filha do presidente a um ‘sorvete de baunilha de casquinha’.



Figura 2 – Kate fala a Bradlee sobre decisão de Nixon. Fonte: Reprodução nossa

Na cena 1, no início da conversa, Bradlee expressa sua opinião sobre as intenções de McNamara em falar com Kate sobre a situação antes mesmo da matéria ser

⁵ Apelido de John Kennedy, 35º presidente dos Estados Unidos.

divulgada. Ao alegar as segundas intenções do político, o pensamento do personagem, nesta cena, se assemelha ao de Liberalquino (1993), o qual afirma que a fonte vê o jornalista como um meio de divulgação. Além disso, o conselho do jornalista também vai ao encontro do que é dito por Rogério Christofolletti (2008), o qual explica que o relacionamento entre os profissionais da comunicação e as fontes não é de amizade, mas sim uma relação profissional, moldada por interesses. Além disso, também se destaca nessa parte a visão de Eugênio Bucci (2000) sobre a relação não profissional entre empregadores da mídia e políticos ser um problema para o fundamento social do jornalismo. Afinal, de nada adianta uma equipe de repórteres preparada se o dono do veículo de comunicação se recusa a publicar matérias contra pessoas de seu ciclo social, como foi o caso apresentado na cena.

Ainda na cena 1, quando Bradlee fala para Kate não deixar seu relacionamento de amizade com McNamara sobressair ao seu comprometimento com o público e o jornal, lembra o que é dito por Franklin Martins (2005), sobre o jornalista ser submetido a diversas lealdades, mas que a mais importante de todas estas é a lealdade à sociedade.

Por fim, a resposta de Kate, sobre a relação entre Bradlee e o ex-presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, remete ao princípio de Christofolletti (2008) do gerenciamento de distâncias entre jornalistas e suas fontes. Além disso, a editora ainda alega que desta amizade o jornalista teve uma série de benefícios. Assim, ela o questiona se não teria feito alguns favores ao ex-presidente, não o pressionando em certos assuntos. Nestes questionamentos, Kate abre suposições de que Bradlee e Kennedy estariam no meio de uma relação de fontismo, termo de Gilberto Dimenstein (1990) para se referir ao jogo de favores, onde governantes e figuras políticas compram a complacência dos veículos ou profissionais da comunicação.

Quanto à cena 2, a situação é diferente. Pelo diálogo de Bradlee e Kate, se nota que a repórter Judith causou problemas ao jornal por não ter filtro em suas palavras ao se referir das fontes. Com isso, se retorna ao gerenciamento de distâncias de Christofolletti (2008), que apesar de destacar que o jornalista deve se manter longe de suas fontes para não se desviar da função, ele também precisa ficar próximo o bastante para extrair aquilo que interessa. Ou seja, um tratamento de cordialidade com suas fontes não faz do repórter um bajulador e ainda pode ajudá-lo em seu trabalho.

No entanto, é importante que na hora de se recolher informações, os jornalistas estejam preparados para duvidar daquilo que as fontes lhes dizem, afinal elas podem

moldar seus depoimentos da forma que lhes for mais conveniente. Sobre isso, foram selecionadas duas cenas interligadas, ambas protagonizadas pelo secretário de Defesa Robert McNamara, uma das figuras centrais na história que deu origem ao filme.

Cena 3: Em 1966, após presenciar batalhas do Exército Americano no Vietnã, e notar que os militares não tiveram avanços consistentes mesmo com reforço da tropa, o analista militar Dan Ellsberg está em um avião, voltando para os Estados Unidos. Logo, ele é chamado pelo secretário de Defesa, Robert McNamara, para confirmar a situação ao político Robert Komer, que vai conversar sobre o ocorrido com o então presidente Lyndon Johnson. Nesta ocasião, McNamara afirma acreditar que a situação do exército na guerra está piorando.

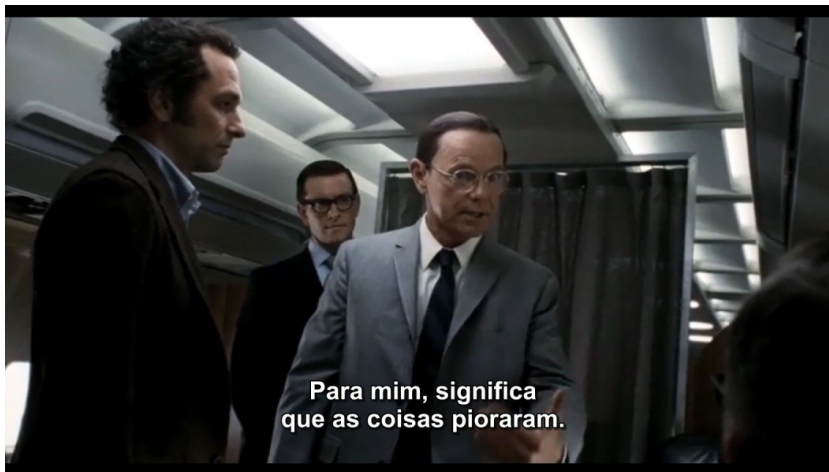


Figura 3 – McNamara se mostra pessimista sobre situação do Exército. Fonte: Reprodução nossa

Cena 4: No entanto, ao chegar ao aeroporto, e ser confrontado por um grupo de jornalistas americanos, McNamara se contradiz, e afirma que os esforços dos militares estão surtindo efeito e que o governo está encorajados pelo que foi visto no Vietnã.



Figura 4 – McNamara diz a jornalistas que está otimista quanto à Guerra.
Fonte: Reprodução nossa

Neste caso, McNamara usou sua credibilidade e autoridade como Secretário de Estado de Defesa para enganar os jornalistas, fazendo-os acreditar que o Governo estava otimista com avanços na Guerra do Vietnã. De acordo com o que é dito por Lage (2001) e Pena (2017), McNamara seria uma fonte oficial, ao se classificar como um representante do Governo. Isso reforça a interpretação de Lage (2001), de que embora pessoas nessa classificação sejam tidas por jornalistas como as mais confiáveis na obtenção de informações, elas “falseiam a realidade para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder” (LAGE, 2001, p.28).

Ainda, a cena vai ao encontro do que é dito por Pena (2017), sobre as fontes oficiais serem tendenciosas e até mesmo manipuladoras com os jornalistas, pois elas têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica de poder que as colocam em uma condição de Instituição. Desta forma, se destaca a visão de Christofolletti (2008) e Pena (2017), de que o ceticismo é uma das principais características no trabalho com as fontes, já que elas dão sua visão dos acontecimentos e podem moldá-los de acordo com seus próprios interesses, e por isso, é importante que os fatos sejam averiguados antes que qualquer informação seja publicada.

Por fim, falta, nesta categoria, falar sobre um famoso recurso utilizado por jornalistas no processo de produção das notícias: o sigilo das fontes.

Cena 5: Depois de Kate Graham dar a permissão para que os jornalistas continuem com a produção da matéria com os documentos sigilosos do Governo, o advogado contratado pelo *Post* tenta convencer a Ben Bagdikian, repórter que conseguiu os documentos, a revelar a fonte que lhe entregou estes papéis. Após algum tempo de discussão, o advogado pergunta ao jornalista se ele conseguiu o estudo através da mesma fonte do *Times*. Em resposta, Bagdikian declara que jornalistas não revelam suas fontes.



Figura 5 – Bagdikian se nega a identificar sua fonte ao advogado do jornal. Fonte: Reprodução nossa

A discussão continua por algum tempo e o advogado convence Bagdikian a confirmar que sua fonte poderia ser a mesma do *The New York Times*, explicando que se isso se confirmasse, o *Post* seria levado à corte, o que poderia causar, inclusive, a prisão de Bradlee e Graham.

No entanto, se percebe que, embora Bagdikian tenha afirmado que a fonte poderia ser a mesma do *Times*, ele não contou que seu informante era o analista militar Dan Ellsberg. Assim, a decisão do jornalista remete ao princípio do sigilo das fontes, descrito por Bucci (2000) e Schmitz (2011), como um direito do repórter em não revelar a origem de suas informações, quando assim julgar necessário.

Considerações finais

Através da pesquisa, se constatou que a relação entre fontes de informação e veículos de comunicação é representada de vários ângulos durante a obra. Através das primeiras reações de Katherine, que não queria publicar matérias prejudiciais ao ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert McNamara, devido à sua amizade com o político, se destaca a necessidade de um distanciamento entre estes dois agentes do processo de criação da notícia. Isso deve ser feito para que haja um filtro na influência das fontes naquilo que será publicado.

Além disso, também se enfatiza na produção a necessidade do ceticismo durante o processo de coleta de informações, principalmente quando se tem como informantes figuras do meio político ou demais autoridades consideradas como fontes oficiais. Afinal, estes podem usar da credibilidade que o cargo lhes concede para mentir ou omitir informações e moldar aquilo que chega ao público como verdade. É o que se vê na cena em que McNamara mente aos repórteres, afirmando estar otimista com os avanços do Exército Americano na Guerra do Vietnã, quando, na verdade, ele já havia se mostrado pessimista.

Também vale ressaltar em *The Post* a apresentação ao público sobre o conceito de sigilo das fontes, defendido pelos jornalistas. Isso, pois os profissionais o consideram como uma ferramenta para garantir a confiança de seus informantes e ter acesso a informações que não receberiam de outra forma.

Com isso, *The Post: A Guerra Secreta* se estabelece como um filme necessário, pois lembra o papel da imprensa na fiscalização dos poderes. Isto, em uma época na qual o jornalismo vem sendo escanteado, muitas vezes tendo seu *status* de profissão até

mesmo questionado. Através da interpretação de um caso real, a produção mostra o poder da mídia e seu impacto na sociedade em um momento no qual as pessoas têm acesso a uma gigantesca gama de informações, mas, muitas vezes, não se dão ao trabalho de verificar a procedência delas, inclusive menosprezando o trabalho feito por jornalistas.

Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: As técnicas do jornalismo**. Rio de Janeiro: Maudad X, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa:Edições 70 Ltda, 1977.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever da liberdade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

_____. **Sobre Ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012.

DIMENSTEIN, Gilberto. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>> Acesso em: 9 out. 2020.

LIBERALQUINO, Geraldo Sobreira. **Manual da Fonte: Como lidar com os jornalistas**. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. 2000.

SANTOS, R. **A Negociação entre Jornalistas e Fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, Aldo. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Combook, 2011.

SENRA, Stella. Cinema e jornalismo. In: XAVIER, Ismail (org). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

TRAQUINA, Nelson. Quem vigia o “quarto poder”. **X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)**, v. 9, 2000.

_____. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.